

ECOS

da Academia de Saberes



Academia de Saberes de Aveiro

Praça da República – Casa Municipal da Cultura, 1º andar – 3810-156 Aveiro

Telefone 234108360; Telemóvel 963420530

Ano VI - Nº 2 Abril 2012



Nesta Edição

Em Foco

- **Coragem na adversidade**
- **Notícias da Academia**



Ficha Técnica

Ecos da Academia de Saberes
Academia de Saberes de Aveiro

Coordenação e Redacção

Área de Comunicação

Informatização e Paginação

A. Coutinho Dias e M^a Cacilda Marado

Nota: Este jornal está escrito de acordo com a ortografia antiga.

Colaboradores desta edição

Aida Viegas
Albertina Vaz
António Coutinho Dias
Conceição Neiva
Dores Topete
Eugénia Reis
Graciete Manangão
José Carreto Lages
Licínio Ferreira Amador
Lindonor Silveirinha
Maria Cacilda Marado
Maria Celeste Salgueiro
Maria Helena Fidalgo
Maria José Sampaio
Rosinda de Oliveira
Sílvia Paradela

Editorial

À medida que os anos vão passando, cada vez mais sentimos que a humildade das nossas actuações é que dá verdadeiramente sentido à nossa vida. Assim sendo, e no que ao Ecos diz respeito, reiteramos esta nossa posição.

A ementa que o nosso jornal serve a todos os leitores é o resultado do cuidado, da coragem, da persistência e da arte dos que lhe dão razões para continuar a viver. Mas, tal como em qualquer família que se preze são necessárias normas, também a coordenação e a redacção estabeleceram algumas. Que é muito difícil agradar a gregos e a troianos e que não se podem fazer morcelas sem sangue temos aprendido isso com a vida.

Pois bem, com esta atitude de bem servir, e com as limitações inerentes a qualquer ser humano e a qualquer entidade, aqui fica mais um número do nosso Ecos, trazendo um sorriso de alegria e um olhar cheio de ternura e de paz neste tempo de renovação.

Maria Cacilda Marado



Notícias da Academia

Revolta

Fui a Lisboa, à Capital da Cultura
Tomar um banho de civilização.
Vim possuída de ira, de raiva pura
Trouxe dilacerado o coração.

Vi em novos museus arte e pintura
Do velho Chiado a restauração.
Vi luxo, teatro, ópera e escultura.
Vi do Centro de Belém a animação.

Vi muito mais do que eu queria ver.
Nem Capital, nem cultura lhes valeu
Àquela gente, nascida p'ra sofrer

Aos sem abrigo que têm por tecto o céu!
Perante a riqueza, o seu padecer
Mostra que a justiça inda não nasceu.

Aida Viega

Sexta-feira treze



E porque 6^a feira era dia 13 nada melhor do que uma viagem da iniciativa das turmas de Comunicação e Expressão Corporal para, rumo a terras do interior, descobrir culturalmente as tradições, as lendas, os costumes de um povo que, apesar de tudo, teima em viver de cabeça erguida à procura de um pouco de sol.

Foi assim que, a 13 de Janeiro, manhãzinha cedo,



com um friozinho cortante a queimar os rostos, arrancámos no autocarro que nos esperava junto ao Museu de Aveiro.

Para aquecer, nada como a nossa professora de Comunicação que, com o seu dinamismo e influência, nos pôs a cantar, espalhando boa disposição e alegria.

A primeira paragem foi na Casa de Mateus, em Vila Real, onde pudemos apreciar uma exposição valiosíssima do interior da mesma, nomeadamente uma biblioteca de valor inestimável, bem como as diversas salas repletas de um património de valor incalculável. Percorremos de seguida os jardins que a circundam cujo aspecto cuidado nos surpreendeu positivamente.

Depois, partimos à descoberta de S. Leonardo de Galafura tendo aproveitado para recordar Miguel Torga e o poema que nos legou sobre uma terra donde “dizem” se consegue avistar localidades de quatro distritos. *Dizem*, porque não os vimos. Aí a neblina pregou-nos uma partida e impediu-nos de desfrutar a tal visão paradisíaca.

Em contrapartida, porém, a natureza presenteou-nos com um espectáculo inolvidável: o cincelo, isto é, a geada que, nas folhas das árvores, congela como se de neve suspensa se tratasse.

E, porque o frio apertava, havia quem começasse a pensar no almoço e no delicioso cabrito que em terras serranas tem um sabor especial. E foi já muito famintos que, no calor da “Repentina”, nos juntámos, apreciando os saberes e os sabores das terras agrestes do nosso interior.

De novo, na estrada, aproveitámos a viagem para contemplarmos a magnífica paisagem agrícola que, com os seus característicos socialcos, faz da terra um aproveitamento impensável.

E foi já noite cerrada que chegámos a Mourilhe onde foi possível passarmos alguns momentos com o P. Fontes à volta de uma aprazível lareira onde o calor do fogo nos juntou em saudável cavaqueira.

Depois, tivemos o tradicional jantar do Dia das Bruxas com decoração apropriada ao momento, desde os garfos cruzados, às velas vermelhas, ao vinho “6ª feira 13”. Foi com muita alegria e boa disposição que nos juntámos à volta da mesa para apreciar a “sopa de urtigas” e a carne do Barroso tão deliciosa quanto genuína.

Depois da festa em Mourilhe, esperava-nos Montalegre onde a noite das bruxas se transformou numa manifestação cultural em que um espectáculo de luz, cor, som e magia nos permitiu apreciar uma noite estranha e diferente e verificar como, à volta de um acontecimento, se pode dinamizar e desenvolver um espaço desertificado, envelhecido e inóspito.

Regressámos aos hotéis para, no dia seguinte, despertarmos com um manto branco de rara beleza. Não era neve, mas uma geada imensa que tudo cobria à nossa volta. Lindo de se ver, mas gélido para se viver!

De seguida, dirigimo-nos a Pitões das Júnias onde a vida inóspita dos transmontanos nos fez compreender a frase que a distingue: “três meses de Verão, três meses de Inverno e o resto de inferno”.

Decididamente, o frio tornava-se cada vez mais agreste e foi de luvas, gorros e cachecóis a taparem-nos o rosto que percorremos Chaves, tendo apreciado toda a arquitectura da zona e a paisagem que rodeia a Ponte de Trajano que liga ambas as margens do rio Tâmega.

E, porque o dia continuava a ser de neblina, foi possível obter fotos soberbas daquela que é a imagem de marca duma cidade tão antiga quanto bela.

Era já noite quando regressámos a Aveiro certos de que o convívio que mantivemos nos aproximou mais, favorecendo laços e criando relações que só a Academia de Saberes nos pode possibilitar.

Albertina





Dança, música e...



Era o limiar do inverno. Era o prenúncio da chegada da chuva, do frio e até da neve nalgumas paragens. Nesta época, os rostos ficam mais sombrios e tristes.

O dia 10 de Dezembro apareceu com nuvens no horizonte e até nos brindou com alguns chuviscos.

Da parte da tarde desse dia, cerca das quinze horas, alguns dos elementos do grupo de danças regionais da nossa Academia deslocaram-se ao Centro Cultural de Esgueira para colaborarem na “Festa da Solidariedade”. Esta, por sua vez, tinha em vista levar alegria e boa disposição às pessoas (voluntárias e idosas) do projecto social “sorrir a ajudar os idosos”, uma iniciativa da Junta de Freguesia de Esgueira, sendo a presidente a sua principal impulsionadora.

O nosso grupo, sob a batuta da formadora Maria do Carmo Costa, de quem muito gostamos e nos orgulhamos, abriu a sessão com cinco danças do seu repertório.

Outras actuações se seguiram, e não faltou o fado, declamações e até houve algumas anedotas, o que constituiu uma tarde muito animada.

Após a distribuição de presentes aos participantes do projecto, seguiu-se um lanche, sendo de notar a alegria e o semblante radioso dos idosos presentes, a contrastar com a tal tristeza a que me referia no início, fruto desta época.

Estas iniciativas, também para tornar menos isolada a vida das pessoas presentes, são sempre de louvar, esperando-se que tenha sido atingido tal objectivo.

Se assim foi, terá valido a pena!...

A. Coutinho Dias

As palavras estão gastas, tudo já foi dito, diz-se, digo. Mas vivo num dilema terrível, quando, mesmo tendo consciência desta asserção, sinto o desafio das palavras que gritam comigo por não as deixar nascer. Na verdade, *há palavras outras* que querem afirmar-se, que precisam de ser enunciadas, que precisam dos olhos do leitor para lhes dar vida, para as recriar. Aqui vão elas então para mostrarem em si a noite das bruxas em Montalegre, para serem mote à criação de palavras outras. Para pintarem a tela daquela sexta-feira treze, aziaga, misteriosa, palco da eterna luta feroz entre o bem e o mal e a presença em simultâneo do divino e do profano. Mas não só. Palavras que enaltecem a arte da coreografia, da dança, da música, do guarda-roupa. E tudo no sopé do castelo que, lá do alto, agregava a grande massa humana que se deleitava naquele espectáculo misterioso e promissor de coisas boas depois de se afastarem os maus-olhados, os azares e os medos com os esconjuros performativos do Padre Fontes. As mezinhas, os trajés de alguns transeuntes, a *queimada* (bebida contra os maus olhados) uniam-se numa vontade geral de felicidade e de afastamento do mal. O fogo de artifício, que pôs fim ao espectáculo, foi, em meu entender, o culminar daquela noite estranha, mas promissora de boa sorte.

As palavras, por ora, ficaram apaziguadas. Mas, cá para nós, queridos leitores, eu até gosto do desassossego que elas, às vezes, me provocam.

Maria Cacilda Marado

Reflexões

Ao atingir a 3º etapa da vida, verifico que estou muito mais dada à reflexão e, por isso, vou aqui dedicar algumas linhas a reflexões que tenho vindo a fazer sobre a nossa Academia.

Já por várias vezes tenho manifestado, oralmente e por escrito, o meu apreço pelas pessoas que tornaram este projecto possível e que continuam a dar-lhe vida. Eu, pessoalmente, já não sei o que faria sem esta associação. Tem-nos proporcionado muitos momentos de alegria e felicidade e espero que assim continue por muito tempo.

Quando se deram os primeiros passos em 2004, provenientes de um sonho de duas pessoas, eu também tive o meu sonho. Parafraseando o cantor e compositor inglês John Lennon “...o mundo seria só um e todos seríamos como irmãos.” (traduzido em português como exigem as normas do jornal). Poderão dizer que sou uma sonhadora, mas não sou a única.





As quezílias ficariam lá fora. Tinha começado outra etapa da vida em que nos queríamos divertir e ser felizes. Ou em passeios, ou em convívios ou ouvindo falar de assuntos mais “intelectuais” que nos ajudam a completar a nossa formação ou a ler o que não tivemos tempo de fazer durante a vida activa, temos a oportunidade de conviver dentro do respeito que devemos uns aos outros.

Nesta linha de pensamento, tenho pena que não haja mais adesão aos clubes que se realizam à sexta-feira, mas talvez seja por isso mesmo, por ser véspera de fim-de-semana. A intenção é precisamente não estarmos obrigados a um programa definido e termos a oportunidade de fazermos mais um convívio à volta de um tema previamente escolhido, mas que permite uma conversa livre e informal. Fala-se da Europa e dos seus problemas, vêem-se filmes interessantes e comentam-se, fala-se Inglês sem pretensões e conversa-se sobre tudo o que se quiser. O convidar-se alguém de fora, ou até da Academia, tem por finalidade dar mais interesse ao assunto, pois essa pessoa é mais versada nele do que as promotoras. Por exemplo, no Clube das Conversas na Academia, desde o início do ano até agora, já se falou do que é Conversar, de Felicidade, de Voluntariado, de Tolerância e de Crise. Outros temas se seguirão. Aceitam-se sugestões.

Mas, respeitando a liberdade de cada um, aceitamos com satisfação aqueles que dispõem de algum do seu tempo para aderirem às nossas ideias e esperamos que o jornal “Ecos” continue a fazer-se eco de todas as actividades que se realizam na Academia, incluindo as línguas estrangeiras que estão representadas por várias turmas e elevado número de formandos. Nas vésperas da Páscoa, época em que devemos reflectir na nossa acção e participação para um mundo melhor, faço votos para que reflectam comigo e tentemos tornar esta Academia, cada vez mais, um lugar de Paz e Boa Vontade.

Lindonor

Conversando sobre a “Crise”

No passado dia 27 de Janeiro do corrente ano, realizou-se na nossa Academia mais uma sessão das “Conversas”. Estes encontros ou colóquios, organizados por um grupo de academistas interessados em debater assuntos de interesse geral ou reflectir sobre temáticas específicas, ocorrem habitualmente na última sexta-feira de cada mês.

Para apresentar o tema proposto, o grupo responsável pelas “Conversas” convidou a

professora aposentada de História, ex-deputada e ex-vereadora, Maria Amélia Brito.

Numa perspectiva histórica, a referida oradora identificou as causas remotas e próximas da actual crise económica e financeira, a nível global, com as inevitáveis repercussões na economia europeia.

Salientou o facto de a crise do século XXI ter sido iniciada nos Estados Unidos da América, no ano de 2007, afectando todo o mundo ocidental, já profundamente globalizado.

Obviamente, o excesso de dívidas a par com as facilidades de crédito, quer familiar quer do Estado, vão gerar falências de pessoas, empresas e bancos. Surge uma enorme desvalorização dos produtos. Os bancos acabam por receber activos já desvalorizados.

Aliás, já em 1929, começou a grande crise, também nos EUA. Aconteceu com uma grave crise bolsista, com uma descida de todas as acções. A Bolsa era como um casino, onde todos podiam jogar, graças às facilidades de crédito. Há, assim, uma democratização do capital, surge um capitalismo popular. Mas esta euforia acaba mal, pois as falências contaminam vários sectores.

A situação vai-se arrastando até que na década de 90, surge o chamado “crédito Ninja”, em que o credor não exigia muitas garantias, baseado principalmente numa relação de confiança entre credor e devedor. E o Estado também aproveita o acesso ao crédito fácil.

O Estado torna-se, aos poucos, empresário, intervencionista, convivendo muito com o capitalismo internacional e o socialismo económico. Com a justificação de que os estados devem prover ao “bem social”, os estados endividam-se cada vez mais, recorrendo frequentemente ao crédito.

Com o Estado social, aumenta a máquina do Estado. Por isso, aumenta também a complexidade do orçamento dos estados. O défice vai aumentando, torna-se endémico, e as dívidas do Estado também. Ainda segundo aquela oradora, olhando para a actual situação na Europa, pode-se concluir que perdemos a soberania económica e política ao aderirmos à União Europeia.

No entanto, face à crise europeia, ainda temos o recurso ao Banco Europeu, ao Fundo Monetário Internacional e ao Fundo de Coesão Europeu. Na actual conjuntura, os empréstimos aos estados são concedidos de forma faseada, mediante um rigoroso plano de austeridade.

Em nome de todos os participantes, o grupo organizador agradeceu, de forma simbólica, à Dr.^a Amélia a magnífica palestra que nos proporcionou.

*Eugénia Reis/Graciete Manangão/Lindonor
Silveirinha*





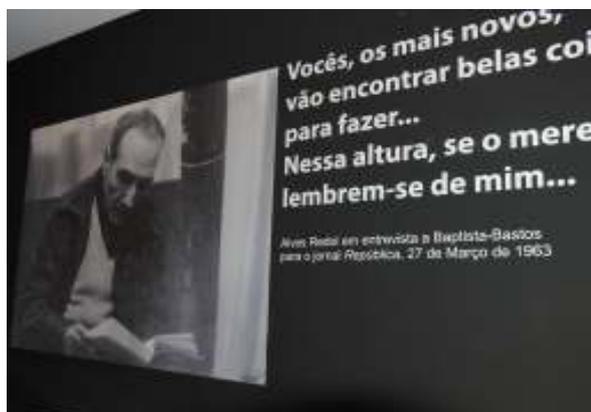
Soltura de palavras

Foi numa aula de inglês orientada pela professora Maria Helena que veio à baila o uso e o desuso de certas palavras pelos falantes. Modas que também afectam a linguagem verbal. Faziam-se revisões sobre os numerais ordinais, os meses do ano, e outros conteúdos quando, mais uma vez, a professora se referiu ao inglês americano que apresenta variações linguísticas diferentes.

Foi nessa altura que, a talho de foice, e numa *soltura* de palavras se reparou no desuso actual da palavra destacada. E lembrámos com que delicadeza e certo acanhamento, quando éramos crianças, dizíamos que estávamos com *soltura*. Não de palavras. Na aula, de palavras.

Área de Inglês orientada pela professora Maria Helena

Viagem das áreas de Comunicação I e II e de Património Cultural



A *exposição do centenário do nascimento de Alves Redol*, em Vila Franca de Xira, foi muito interessante, quer pela documentação e sua organização, quer pela forma como nos foi apresentada pelos guias que nos conduziram. Foi como um reбуçado que se desembrulha e que é cada vez mais doce: porque nos agrada, porque nos aumenta o saber, porque nos alimenta o espírito.

A visita ao museu do neo-realismo levou-nos a fazer uma simples introspecção ao modo como fazemos as nossas leituras: embrenhamo-nos nelas, viajamos e, por isso, a imaginação leva-nos, por vezes, a noções erradas. Esta visita transportou-nos a realidades que desconhecíamos e fez-nos descer mais à terra.



Esta visita foi uma lufada de ar fresco nesta sociedade em que as pessoas vivem isoladas, sozinhas e sem esperança.

A *exposição de arte moderna e contemporânea* no C. C. B. foi uma forma óptima de aprender arte através de um excelente guia que nos motivou para uma visão diferente do que é a realidade e, por isso mesmo, inovador. Aprendemos conceitos novos, designadamente o de apropriação. Alguns nunca tinham tido a oportunidade, até hoje, de ver arte contemporânea tão bem explicada pela guia que nos acompanhou, pelo que novos caminhos se nos abriram para a reflexão e para o conhecimento.

A *exposição da arte da guerra* valeu pela óptima explicação dos guias. Sem guia, a maior parte dos cartazes passar-nos-ia ao lado. A exposição remete-nos para os filmes que sobre esta matéria visionámos enquanto jovens e ainda hoje temos a oportunidade de recordar. As mensagens dos cartazes ainda hoje têm actualidade. Em suma, a visita à exposição foi uma bela aula de História, Sociologia, Filosofia, Política e Literatura! Ontem como hoje, a propaganda da guerra pode ter quase tanta força como o poder das armas.

Viagem muito interessante, com óptimo convívio e com um almoço muito bom.





Momentos de confraternização

O são convívio é uma prática salutar. Utilizado em momentos oportunos, serve de ingrediente a uma boa aprendizagem. E como as formandas têm dado provas pela positiva, e o professor não adopta uma postura rígida de *magister dixit*, acontecem momentos de festa e de confraternização. A fotografia fala por si.

Área da Ética à Bioética

Outras ocorrências

No dia 18 de Fevereiro, no restaurante *João Capela*, houve um encontro carnavalesco, como já é habitual, na nossa Academia. O balanço foi positivo.

No dia 26 de Fevereiro, a nossa querida colega Rosinda Oliveira, no Salão da Associação de Melhoramentos da Mamarrosa, foi alvo de uma calorosa homenagem promovida pelo Rotary Clube de Oliveira do Bairro. Um reconhecimento pelo mérito cultural da homenageada que tão relevantes serviços tem prestado, ao longo da vida, à comunidade envolvente. Parabéns, Rosinda.

O Grupo Coral participou, no dia 10 de Março, no II Encontro de Coros de Universidades Seniores, em Oliveira de Azeméis. Segundo a opinião daqueles que abrilhantam este grupo, a qualidade continua a ser o grande objectivo que norteia as suas actuações.

Para o dia 30 de Março, p.f., está previsto um almoço de Páscoa, no restaurante *O Palheiro*. Uma prática que vem do início da criação da Academia.

De 31 de Março a 7 de Abril, decorrerá a viagem ao Vale do Loire, Normandia e Bretanha para todos os inscritos.

Coragem na Adversidade

(Tema envolvente da Área de Comunicação)

Coragem na adversidade

Há dias assim... Dias em que somos matraqueados incessantemente com conceitos que se opõem aos nossos valores e em que não conseguimos reagir, porque já não temos palavras, nem ideias, nem atitudes.

Dias em que acordamos de manhã a ouvir notícias de solidão e de abandono e em que ficamos petrificados sem saber o que fazer, ou sem saber como mudar alguma coisa.

Dias em que passamos na nossa rua, no nosso bairro, e continuamos sem conhecer quem mora ao nosso lado, no nosso prédio, ou no prédio em frente da nossa casa.

Dias em que assistimos sem participar no decurso das acções que podem mudar a nossa vida, mas que nem sequer ousamos sugerir uma atitude diferente.

Dias que se sucedem, num ritmo contínuo, uns a seguir aos outros, iguais, sem cor, sem diferença, sem esperança, sem mudança, sem conquista, sem prazer, sem o canto de uma ave ou o crescer que se sente de uma flor.

Dias em que o nosso prazer de dar não parece encontrar eco em nada a não ser na raiva contra aquela frase infeliz que aquele governante ousou arremessar a quem vive momentos difíceis e não divisa luz nem sequer ao fundo do túnel.

Há dias assim... E, de repente, ouvimos, vinda de muito longe, uma vozinha da criança que se interroga sem obter resposta, ou um adolescente que se revolta contra um mundo que não o entende e que ele não quer entender, ou um jovem que quer participar na vida de um país, mas não se quer subjugar a conceitos preconcebidos que não são os seus, ou um adulto que se depara com o desemprego e uma família para sustentar, ou um velho que toda a vida trabalhou e que não consegue sequer comprar os remédios que o médico lhe receitou...

Coragem, gritamos baixinho dentro de nós! Será que é possível continuar a ter coragem?

Há dias assim... Dias em que voltamos a sentir a revolta dos tempos em que tínhamos todo o mundo nas nossas mãos e em que pensávamos que podíamos ser parte activa de uma mudança em que todos partilhássemos os sonhos que quisemos contar.



Dias em que nos indignamos quando sabemos que uma mulher é despedida depois de ter um filho, porque está a prejudicar o seu trabalho na empresa e em que nos espantamos quando nos dizem que a fraca natalidade é um problema deste país.

Dias em que nos dão a conhecer mais uma morte de um idoso que vivia sozinho em casa, e até de um outro que, imobilizado, não consegue transmitir ao mundo que quem o cuidava morreu ao seu lado.

E, em seguida, pedem-nos coragem?! E, em seguida, pedimo-nos coragem?!

Coragem, sim, para continuar a ter esperança que os dias de hoje alterem este nosso viver, em que o ter se sobrepôs ao ser e em que a indignação se faz de uma forma silenciosa e discreta. Para não dar nas vistas. Para não deixar de ser tolerada.

Albertina Vaz

Coragem... o que é Coragem?...

É a força adormecida,
Silenciosa – sem voz,
Sem bitola, sem medida,
A servir sua guarida –
Que existe dentro de nós.

É luz a irradiar a mente,
Força a emanar da alma,
Denodo nela latente,
Pois em provações, silente,
Emerge prestando calma.

Um qualquer esbravejar
Não leva à felicidade;
P'la chuva, vento e luar,
Há que a Deus ir buscar
Viva fé, na adversidade.

Se és ou não corajoso,
Não importa a observação;
Serás, sim, um ser ditoso,
Se por caminho espinhoso
Conseguires transpor seu chão.

Sílvia Paradela

Sem coragem para sonhar, não há força para lutar

Já é difícil ter coragem e muito mais nos momentos de adversidade. Todavia, há diversos graus de adversidade que requerem correspondentes graus de coragem para enfrentar tais problemas.

Mas há pessoas para quem não parece haver limites para enfrentar mesmo as maiores dificuldades. Porque não basta a dose normal de coragem para enfrentar, por exemplo, situações de mortes e doenças.

É por este motivo que, melhor que qualquer discurso de palavras mais ou menos bonitas e adequadas, pensámos trazer aqui uma extraordinária lição de vida que neste tema é a alemã Bárbara Lmffert, radicada na Carregosa – Ouca, desde 1984. Esta senhora já venceu três casos de cancro, qual deles o pior, e viu morrer à sua volta com a mesma doença familiares e amigos. Passou pelo inferno já três vezes, no seu próprio dizer. E o mais curioso e interessante é que esta grande senhora, e também grande escritora, acredita com toda a alma que é a sua invulgar capacidade para sonhar e fazer realizar esses sonhos que a tem ajudado a superar os seus infernos de sofrimento. Não sabemos como, mas sempre de cara alegre, com o seu sorriso único de bonomia. E ainda também uma interessante curiosidade – os seus sonhos prendem-se todos com o nosso país.

Para terminar, queremos só acrescentar que Bárbara conta tudo isto no seu mais recente livro *Sem coragem para sonhar, não há força para lutar*.

Rosinda de Oliveira

Coragem na adversidade

Quando surge a Adversidade
Tudo parece ruir,
Nada mais faz sentido,
A não ser sentir...
E é nesse desespero,
Sem se saber como,
Que surge uma forte vontade
De tudo ultrapassar,
Descobrimdo, com muita Coragem,
Horizontes até aí desconhecidos...
Que serão, de certeza,
Caminhos que levarão à Verdade!





Alvorço

*Anda a terra inteira alvoroçada
Nesta era de progresso e confusão.
Têm uns tudo, outros não têm nada.
Sentem os ricos dó ou compaixão?*

*Morrem de fome homens aos milhares
Enquanto alguns estragam a comida
Recusando poluir seus olhares
Em quem passeia morto pela vida.*

*Lamentam, nada fazem de concreto.
Insensíveis, passivos eles sabem
Que os que não têm pão nem têm tecto,*

*Vivem mortos de fome, até que acabem
Qual desperdício, destroço ou objecto
Na lixeira do mundo onde não cabem.*

Aida Viegas

Bem te quero

Treze anos. Lourinha, alta, bonita, simpática, olhar inquieto. É assim a Sandra. Gosta de dançar, não falta às aulas, passou de ano, é responsável e, como é natural, estão a despontar nela os primeiros amores.

Esteve numa colónia de férias no verão. Com outros, muitos outros jovens que, como ela, não têm outra oportunidade de saborear a mudança de ambiente. Adorou, usando as suas palavras. A monitora, os colegas de grupo, outros de outros grupos. Nadou, dançou, ouviu música, cantou, jogou, divertiu-se. As refeições foram boas – até tinham sobremesa.

No final da semana, A Técnica de Acção Social foi buscá-la.

Abraços, troca de *mails*, lágrimas, silêncios, olhares especiais para amigos especiais. Encontrados ali e que vêm no coração. Os primeiros. Bons, muito bons! Duradouros? Ver-se-á. Fortes no apoio, isso sim, pois partilhar é atitude própria dos que sabem como dói a vida, às vezes.

Regressar a casa? Não! Ainda não! Tudo voltará ao mesmo... O pai? Só chega de noite, depois do trabalho, já ela e os irmãos dormem. A mãe? Por ora está bem, fazendo uma desintoxicação. Mas... E depois?

Sempre a eterna questão: “como seria bom viver numa família organizada, em que os pais fossem o mastro a quem me agarrar”, diz ela.

Há outros pilares, eu sei. Há quem tenha fortes referências e as despreze, é verdade. Mas precisar-

se de “cuidado” e ter de cuidar, dos irmãos, dos pais, não deve ser tarefa fácil. Há crianças e jovens que carregam esta missão. O que é que a sociedade faz para ajudar os fracos que se fazem fortes, o que é que eu faço?

Que caminho está reservado à Sandra, ou que traçado vai ela seguir nos dias que serão dela?

Por ora, é com denodo que acompanha os irmãos mais novos, que segura nos seus casacos e lhes dá o lanche para levarem para a escola. Muitas vezes, é ela também que faz o jantar, por inépcia da mãe que, vencida pela dependência, se arroja no sofá até que alguém a leve para a cama. Na escola, é responsável, tem amigos, é solidária e educada. É bonita, já se alindando com sombreado nos olhos e um tom rosado nos lábios. Sorri muito, escondendo talvez a dor de não ter em casa quem a ouça, quem a aconselhe, quem lhe dê mimos. Em contrapartida, não se poupa, quando é preciso cuidar. Até da mãe. E de muitas formas. Os seus sorrisos escondem, e com força, os comportamentos da mãe. *Sim, a minha mãe trata muito bem de todos nós. É ela que cozinha lá em casa e que trata das nossas roupas,* diz a Sandra com afinco.

Na escola tem sucesso. O seu sorriso permanente deixa-nos a sua vontade de lutar e a sua alegria de viver. Que força, que determinação, que exemplo! Bem te quero, Sandra.

Maria Cacilda Marado

Coragem na adversidade

Quando a adversidade bate à porta
E a vida perdeu todo o sabor;
Quando a esp’rança p’ra nós é letra morta
E em nosso coração existe a dor.

Quando nada no mundo mais importa
E o tempo vai passando sem ter cor;
Quando nenhuma esp’rança nos conforta
E foi-se a primavera toda em flor

É preciso partir para a aventura,
Alcandorar grinaldas de verdura,
Colinas e montanhas escalar!

É preciso ter fé e ter coragem,
Pensar que a nossa vida é uma passagem
E nunca desistir de caminhar!...

Maria Celeste





Coragem na Adversidade? Mãe coragem? Mãe?

A Arte e a Beleza

Como era possível que o seu Filipe, o seu menino tão pequenino ainda, sofresse tanto? Como é que aquele assassino silencioso lho estava a levar lentamente e com tanto sofrimento? Não devia ser permitido que as crianças fossem alvo de doenças tão terríveis.

Já nem tinha forças para tratar da Raquel e do João, os seus outros filhos, com respectivamente oito e cinco anos. Era tão difícil, nem a ajuda e o apoio do marido lhe davam a força e a coragem para continuar.

O médico dissera que estava chegado o momento e ela estava ali à espera, o seu menino ia partir e ela queria partir com ele. Tinha-lhe prometido que os seus beijos e abraços seriam infundáveis, não queria nem podia faltar à promessa.

Assim que sentiu que o momento chegara não teve forças, caiu também abraçada a ele.

- Maria, Maria, por favor reage não partas tu também.

Está inconsciente, não quis nem quer reagir, o seu organismo acabou por fazer-lhe a vontade.

- Vá falando com ela, fale-lhe dos outros filhos, é preciso que ela queira voltar.

Maria, muito ao longe, via e ouvia o médico a falar ao marido.

Estava dividida, via o sofrimento e o desespero do marido agarrado a ela. Como partir e deixar os seus outros filhos? Mas com que coragem ia deixar o seu Filipe partir sozinho?

Não, não podia, ela era mãe e as mães sabem sempre o que devem fazer. Apertou uma vez mais o seu Filipe contra o seu peito, sussurrou-lhe muito baixinho que tinha que ficar, pediu-lhe perdão por isso e despediu-se dele. Tinha que ser, mas era preciso ter muita coragem para o fazer.

Respirou profundamente, abriu os olhos e olhou o marido que chorava.

Ele percebeu a mensagem do seu olhar, ela ficaria. Agora estava cansada, mas sabia que é na adversidade que a coragem é essencial e necessária. Era mãe, tinha que ter essa coragem.

Dores Topete

Por diversas vezes, deparei com pessoas que, na visita a exposição de pintura, colam o olhar em determinado quadro e ali ficam, tempo sem conta, absortas na contemplação de algo mais do que o desenho ou as figuras exibem. Essas pessoas transpiram prazer e êxtase, perscrutando, para além da pintura, uma beleza ínsita na geometria, nos traços e cores da arte pictórica.

O mesmo acontece na audição de determinadas melodias, na observação de certas esculturas e também na leitura de determinados textos, sobretudo de poemas.

A beleza inerente às cores, aos traços, aos sons e às palavras, causa emoção e sentimentos de uma ultra realidade que é inspirada e induzida pela tangibilidade do real.

Vem isto a propósito de se considerar a arte como sinónimo do belo, algo que pertence em absoluto à divindade e que, por vezes, o homem consegue, em feliz momento, visionar e captar pela fresta que se abre do ultra real, em visionamentos do espírito que anima o ser humano, feito à imagem e semelhança do divino.

Desde tempos remotos se considera a beleza como um atributo divino. Só assim se compreende que, em plena Inquisição, Miguel Ângelo, denominado justamente “O DIVINO” tenha sido poupado à fúria depurativa, quando pintou os nus da Capela Sistina, no acto da Criação e no do Juízo Final.

A Arte encontrava-se espelhada no Belo e o Belo como a Verdade. E Deus é a Verdade. Por isso, a natureza, apesar de nua, não deixa de ser Verdade, transmitida em toda a força e arte pelo génio do artista que criou divina beleza na Arte.

A conjugação dos elementos da simetria, da proporção, da expressão, da luz e da cor, com os elementos metafísicos que resultam da transparência de algo espiritual que a pintura emana, elaborados na justa medida da perfeição estética, transmitem-nos a materialização do Belo que embebe e subsume a Arte.

É nessa imagem que sobressai do real, e que nos transporta para o irreal, que a Arte adquire a dimensão do Belo. Arte e Beleza fundem-se então na mesma objectividade que consegue ser apreendida e vivida pelos que se detêm, por longo tempo, na contemplação, ou mais que contemplação, na vivência das emoções provocadas pela Arte.

j. carroto lages





Um projecto

O teu regaço fecundo, de fé e maresia,
- que já invejou à serra o alecrim -
gerou o parto de nova Academia
com rosas e cravos, jóias do teu jardim.

Janelas amuadas abriram-se à luz,
erradicaram-se fungos da inerte solidão,
abriram-se sorrisos esquecidos, deste jus
ao canto e outros alimentos, além do pão.

Danças, instrumentos, idiomas vários
ética da biologia, vida e comunicação
filosofia debitada em conceitos primários
e solfejos arrufados nos foles de acordeão.

Os saberes que da permuta retiveres
talvez sejam uma precária verdade
e se do aprendido de novo te esqueceres
ganharás do que deres em prol d'amizade.

j. carroto lages

A bruxa da velha ou a velha da bruxa

Era uma velha muito velha a quem toda a gente, lá na aldeia, chamava “a bruxa da velha”.

E o menino de caracóis dourados e olhos muito grandes e azuis, como a cor do céu em dias de muito sol, pensava:

- Será que todas as velhas são bruxas ou todas as bruxas são velhas?

A velha bruxa vivia sozinha na sua casa, no alto da montanha. Tinha o cabelo desgrenhado, longo e comprido. Caía-lhe pelas costas, em fios de névoa, como gotas de neve a deslizarem pela serra adentro. E usava um cajado grande, velho e carcomido como ela.

E o menino de caracóis dourados e olhos azuis perguntava:

- Será que todas as velhas são bruxas ou todas as bruxas são velhas?

Havia até quem dissesse que, em noites de lua cheia, se ouvia um uivo do tamanho do mundo que se fazia ecoar por toda a aldeia e assustava os meninos que faziam maldades ou que tiravam doces escondidos debaixo das almofadas. Havia até quem pensasse... Há sempre quem diga, quem pense, quem se interrogue, quem faça circular, quem passe de boca em boca e acrescente...

- E quem faça? – perguntou o menino.

Ninguém lhe respondeu. E um silêncio pesado abateu-se sobre a aldeia perdida. Até que um dia o menino desapareceu. E foi um corre corre por toda a aldeia à sua procura. Não estava nem em casa nem na escola. Não estava nem no pátio nem no recreio. Não estava nem no rio nem no cimo da montanha. Não estava em lado nenhum.

Foi então que um grito imenso ecoou por toda a serra. Quase parecia que a montanha se esventrava de dor e mágoa. Era a mãe do menino que, chorando, gritava:

- É a bruxa da velha! É a velha bruxa! Ela roubou o meu menino!

E numa corrida sem limites toda a aldeia rumou à casa da velha bruxa, demandando pelo menino dos caracóis de ouro e de olhos azuis. De rompante, invadiram a casa do alto da montanha. E foi então que se depararam com um quadro digno do mais talentoso dos artistas.

Sentado ao colo da velha, o menino escutava uma história de sóis, de luas e de terras longínquas onde viajava um príncipe de caracóis dourados e olhos tão azuis como um céu em dias de muito sol. E a velha que todos temiam não passava de uma mulher a quem a solidão batera à porta há muitos, muitos anos. E que permanecera só porque lá na aldeia a vida continuara sem ela.

Foi então que o menino levantou os olhos sorrindo e, olhando a velha bruxa, balbuciou baixinho:

- Avó, amanhã eu volto. Hoje tenho de ir embora senão eles lá em baixo pensam que fugi. Mas amanhã eu quero que me contes a outra história e quero também que, depois de amanhã, e depois e depois, voltes a brincar comigo. Está bem?

E foi assim que a velha bruxa deixou de ser velha e de ser bruxa e voltou a ser e só a AVÓ!

Albertina Vaz

Contraluz... e a Vida

Reflecte acções,
Encontros, desencontros...
Supostamente programados,
Anteriormente previstos,
Legitimando situações
Que confirmam intuições...
Como se, no “momento certo”,
O que na “sombra” existe
E a “luz” oculta,
Estimulasse acontecimentos, sentimentos,
Para serem plenamente vividos, sentidos,
Todos esses momentos!

Conceição Neiva





Retratos antigos com bordados

as meninas

riscavam no linho as linhas de um sonho
bordavam recreios a ponto pé de flor
bordavam brincando com fios de cor

depois já mocinhas

abriam bainhas no lençol das horas
seus dedos prendados
a crivo prendiam
recatos recados
a cheio encobriam
segredos enleios

depois já casadas

caseavam cansadas os dias os nadas
sonhavam em vão
labutas bordando a ponto de cruz
silêncios selando a sombra e grilhão

mas damas havia

tão chiques tão belas
na tela das tardes um bouquet incrustavam
a petit point
a seda dos ócios bocejantes orlavam a
richelieu

sépias com História

os dias bem presos num bastidor
mãos de mulheres ponto após ponto
nas barras do tempo bordando
aliteraões de cor.

Helena

A Caixa Especial

Tem uma caixa, nem muito grande nem muito pequena. Diria que nem sabe as medidas.

É uma caixa muito especial.

É “à maneira”, como dizem por aí. É à medida do que precisa.

Até nem sabe se tampa tem; às vezes parece não ter, mas, no entanto, consegue lá pôr muita coisa e tudo cabe e não foge.

É mesmo uma caixa mágica!

Quando precisa do que lá está, vai buscar e usa. Até pode usar bastante tempo e depois volta a arrumar.

A maravilha disto tudo é que usa, usa e nada se gasta.

Às vezes, agora, a peça parece sair um pouco usada, diluída, desbotada... mas, basta sacudi-la um pouco e está como nova, um milagre!

E a caixa vai enchendo, e mais... e mais... sempre cabendo.

É milagrosa, diz; e lá vai ela de novo à caixa à procura de uma peça que, no momento, faz falta.

Foi lá hoje e, ao procurar, veio outra junto; já quase não se lembrava dela.

Estava guardada há tanto tempo... era do tempo da sua infância. E, olhando-a em pormenor, desdobrando-a prega a prega ela ficou ali estendida e completa.

É deslumbrante o que acontece. Guardou, guardou e guarda. Continua a guardar na caixa...

São cores, são sons; perfumes e sabores; paisagens, montes, rios e mar; infância, juventude... um sem parar!

Está tudo arrumado, às vezes, mal.

Nunca deu um nome à caixa, mas, lá no fundo da sua mente sabia que um nome bom era memória.

Parece uma casa com muitas salas, com muitos quartos, muitos cantinhos; por vezes escadas para trepar ou para descer, lá para o sótão ou prós “fundinhos”. E quando leu as Confissões de Santo Agostinho compreendeu que a memória é um palácio.

A sua **caixa especial** é realmente o seu Palácio da Memória como diz Santo Agostinho.

M. José Sampaio

Uma história de viagens

Um belo dia, há treze anos, um amigo meu abordou-me para o acompanhar numa viagem a Cuba. Este, por sua vez, havia sido convidado por outro amigo, por sinal, seu afilhado de casamento e que eu também conhecia.

A organização da dita viagem pertencia a uma grande Associação da capital e o seu dirigente principal foi quem convidou o meu amigo.

Essa Associação desenvolvia e desenvolve ainda intercâmbios culturais com várias instituições cubanas.

Acedi ao convite e lá fui para a minha primeira viagem a Cuba na data aprazada (depois dessa voltei em mais duas ocasiões).

O grupo era de doze pessoas, nove homens e três mulheres e ainda hoje bem recordo os seus rostos.

O chefe da delegação, algum tempo antes, também em viagem de troca de culturas, havia estado na Córsega, de onde tinha trazido um presunto curado. Então, decidiu que o mesmo nos faria companhia para Cuba, onde serviria de repasto a muitos convivas.





As nossas Leituras

Constantino Guardador de Vacas e de Sonhos de Alves Redol

Quando chegámos ao aeroporto de Havana, lá ia um dos turistas de presunto ao ombro (na brincadeira), quando foi interceptado pelas autoridades locais. As mesmas decidiram que o presunto não poderia entrar e que ficava apreendido. Mas, como já tinha ido de tão longe e era pena perdê-lo, foi decidido que ficava retido em depósito, conservado em local adequado e que, no regresso, se levantaria e traria para Portugal.

Depois de uns dias em Havana, seguimos para Santiago de Cuba. Foi nesta zona que se desenrolaram as actividades de intercâmbio e onde permanecemos oito dias.

Regressados a Havana, fizemos mais algumas incursões a outras localidades e lá chegou o dia do regresso.

Aí é que foi *o bom e o bonito...*

Estava o avião prestes a descolar e o presunto nunca mais era devolvido.

Depois de muitas insistências, lá apareceram com o presunto, mas havia que pagar o custo da armazenagem, cerca de trinta mil escudos (na nossa moeda ao tempo), ou o mesmo não era entregue.

Bem, já que tinha chegado até ali, não há que vacilar, pagou-se a “dolorosa” e o presunto lá nos acompanhou mais uma vez.

Mas a história não fica por aqui...

A viagem fazia escala no aeroporto de Barajas, em Madrid, com um intervalo de cerca de três horas. E lá andava o presunto de “Herodes para Pilatos”, sendo eu, novato nestas andanças na altura, e porque tinha pouca bagagem, o transportador de serviço no respectivo carrinho. Até que, no controlo policial de acesso ao local de embarque, fui interpelado acerca *do que é que ali levava*. E eu, com o ar mais descontraído do mundo, no meu convencimento de que tudo estava regular, respondi de imediato que era um presunto, ao que me foi referido que não era permitido internacionalmente a circulação de tal produto.

Após contar toda a história das peripécias por que o presunto já tinha passado e justificar as razões do seu regresso, inclusive com a exibição do comprovativo do pagamento do depósito, lá condescenderam e deixaram seguir o dito.

E lá regressou a Lisboa, para servir de banquete a alguns, não sei exactamente se em boas condições de conservação, pois não tive a oportunidade de presenciar tal desiderato!...

A. Coutinho Dias

Os formandos das duas turmas de Comunicação da professora Cacilda Marado tiveram este período, como trabalho de casa, a leitura e posterior interpretação do livro de Alves Redol “Constantino Guardador de Vacas e de Sonhos.”

O livro lê-se com muito agrado e sempre com um sorriso nos lábios que, às vezes, se transforma numa sonora gargalhada devido ao inesperado e ao engraçado das situações.

Constantino, rapazito de aldeia, é a personagem principal da intriga, com as suas aventuras ingénuas, os pássaros, os ninhos, o sonho de construir um barco, a festa da aldeia com a subida ao mastro ensebado, a avó ti Elvira “com quase setenta anos, ainda a voz lhe salta da garganta como um repuxo de jardim de rico”, etc, etc.

O autor do livro, Alves Redol, nasceu em Vila Franca de Xira em 29 de Dezembro de 1911 e faleceu em Lisboa a 29 de Novembro de 1969. Com a sua obra “Gaibéus”, em 1940, iniciou-se oficialmente, a nível literário, o Neo-Realismo em Portugal. Em que consistiu então esta escola literária? Quais as razões do seu aparecimento?

O substantivo é constituído pelo elemento de formação de palavras “neo” que nos dá a ideia de um novo conceito nascido a partir de outro já existente, neste caso Realismo surgido nas últimas décadas do século XIX na Europa, atacando os problemas que afligiam o Homem, como a doença, o alcoolismo, o adultério, a sexualidade, o homicídio, o racismo, etc, assim como instituições como a Igreja Católica; esta escola foi difundida em Portugal, especialmente por Eça de Queirós.

Entre o Realismo e o aparecimento do Neo-Realismo, nos inícios do século XX, surgiu em Itália com Marinetti o Futurismo, movimento que em Portugal ficou conhecido por Modernismo, onde situamos Fernando Pessoa, Almada Negreiros, etc.

A Revolução Russa de 1917 com as transformações políticas, sociais e económicas levou a uma luta de classes na linha ideológica de Carl Marx, idealizando o desaparecimento da exploração do Homem pelo Homem.

A partir de agora e para os marxistas, o escritor deve retratar os problemas humanos na sua totalidade, debruçando-se não só sobre o biológico e o psicológico, mas especialmente sobre as realidades socioeconómicas.

Este movimento literário teve como precursores em Portugal, e a partir de 1940, o Realismo Socialista, Realismo Americano e o Romance Brasileiro





Nordestino. O escritor neo-realista deve defender o proletariado e combater o capitalismo, sendo o seu tema principal a luta de classes entre exploradores e explorados; é o chamado realismo socialista com Gorky e a sua obra “A Mãe”.

Nos Estados Unidos da América, com “Vinhas da Ira”, Steinbeck faz um estudo dos comportamentos, dos estímulos, das reacções e dos reflexos que denunciam determinadas relações internas, ao escrever sobre o dilema de uma família que se obriga a migrar para a Califórnia em busca de trabalho, devido ao desenvolvimento de formas de exploração agrícola.

Também no Brasil, especialmente no Nordeste, nas décadas de 1930 e 1940, a degradação das condições da vida agrícola e a sua exploração, devido à ausência da chuva e do cangaço que tem a ver com o caciquismo, provocaram migrações internas de êxodo das populações. Este aspecto brasileiro tem como escritores mais relevantes Jorge Amado, José Lins do Rego e especialmente Graciliano Ramos com “Vidas Secas”.

E assim o Neo-Realismo se desenvolveu, preocupando-se em representar o real, denunciando as contradições que a realidade apresentava na sociedade e despertando o escritor para a verdade social de que não se devia desviar.

Em Portugal, com António de Oliveira Salazar, não foi fácil a vida dos escritores desta escola literária como Alves Redol, Soeiro Pereira Gomes, Fernando Namora, Carlos Oliveira, etc, que denunciaram, nas suas obras, aspectos sociais políticos e económicos vividos pelas classes sociais mais desprotegidas; e, porque as suas obras não agradavam ao regime, eram censuradas e perseguidos os seus autores.

Sobre este último aspecto, convém referir Luís de Sttau Monteiro que escreveu a obra dramática “Felizmente há luar” em 1961 e só representada em 1978, devido à censura. O autor serviu-se de um facto político passado em Portugal, com o sofrimento e dificuldades do povo depois das invasões francesas dos princípios do século XIX que reflectiam o ambiente repressivo vivido no consulado de Salazar.

O presente texto foi escrito com a intenção de levar o leitor a perceber a génese do Neo-Realismo, movimento literário que fez Alves Redol escrever “Constantino Guardador de Vacas e de Sonhos”; mas, se não fosse o baixo estrato social das personagens e os cenários modestos onde habitavam, haveria dificuldades em classificar o livro como pertencendo a esta escola literária. Mas, será que o escritor quis amenizar um pouco a doutrina do movimento neo-realista?

Licínio Ferreira Amador

Generalidades

Envelhecimento activo

“Tedxaveirosalon”

No passado dia 26 de Janeiro do corrente ano, alguns elementos da Academia de Saberes de Aveiro participaram numa acção de sensibilização sobre o “Envelhecimento Activo”.

Este evento foi organizado pelo “Tedx Aveiro Salon”, com o apoio do Município de Aveiro, e decorreu no Museu da Cidade.

Ao longo de três horas, escutámos vários oradores, nomeadamente a Dr.^a Liliana Sousa, docente da Universidade de Aveiro, e o médico Dr. José Gomes Ermida, ambos ligados à área de Gerontologia. Ouviram-se também alguns testemunhos de pessoas já reformadas, que procuram viver de uma forma activa e saudável o dealbar do seu envelhecimento.

Houve ainda um momento de convívio e troca de impressões. Seguiu-se um debate de opiniões sobre questões que foram postas aos participantes, relacionadas com o envelhecimento.

Segundo os especialistas na matéria, antes de tudo, é essencial que se aceite esta fase da nossa vida como natural e inevitável. Porém, encarando-a de forma positiva, isto é, enveredando por um envelhecimento activo.

O Dr. Ermida salientou que o envelhecimento activo é sinónimo de envelhecimento saudável, assentando em quatro pilares fundamentais:

1. Alimentação saudável (variada, mas moderada)
2. Actividade física e mental
3. Cuidados de saúde (sem abusar de medicamentos)
4. Relações sociais

E para evitar as doenças neurológicas incapacitantes, como Alzheimer e Parkinson, foram dados alguns conselhos práticos: mexer-se, praticando exercício regularmente, ler, jogar, pesquisar, escrever, conversar, intervir e participar na sociedade e tudo o mais que seja gratificante para o idoso.

VIVER ACTIVAMENTE É ENVELHECER BEM E O ENVELHECIMENTO ACTIVO É UM ENVELHECIMENTO SAUDÁVEL.

GM





A figura do judeu na Literatura Portuguesa

Em vários textos da nossa literatura, podemos encontrar retratada a figura do judeu.

Apesar de o judeu pertencer a uma minoria na sociedade portuguesa, considerado até como elemento marginal, aparece como personagem carregada de significados, aparecendo em obras antijudaicas, satíricas e moralizantes, sobretudo no período medieval e no período renascentista.

De um modo geral, o judeu é frequentemente caracterizado como avaro, pérfido e renitente em se converter.

Referem-se a seguir apenas cinco obras literárias, a título exemplificativo.

1 – “Auto da Barca do Inferno”, de Gil Vicente (1517)

2 – “Auto da Lusitânia”, de Gil Vicente (1531)

3 – “Auto da Ressurreição”, de D. Francisco da Costa (1583)

4 – “O Judeu”, de Camilo Castelo Branco (1866)

5 – “O Judeu”, de Bernardo Santareno (1966)

Gil Vicente é apontado por alguns estudiosos, como sendo de ascendência judaica. No entanto, não deixa de condenar o fanatismo religioso dos judeus. Seria uma estratégia de defesa do próprio Gil Vicente, face à possibilidade de ser perseguido e condenado?

No “Auto da Barca do Inferno” vemos que a figura do judeu aparece ligada ao povo, mas são-lhe apontados vários defeitos. O judeu mostra-se corrupto, avaro, malcriado, teimoso e fanático.

Depreende-se que as intenções de Gil Vicente são denunciar o fanatismo religioso dos judeus e o seu apego exagerado ao dinheiro e, ao mesmo tempo, condenar a teimosia dos judeus que recusavam aceitar a sua salvação, através de Jesus Cristo.

O “Auto da Lusitânia” foi representado em 1532, na corte do rei D. João III. Foi a última peça escrita por Gil Vicente. Nesta peça, Gil Vicente parece mostrar alguma simpatia pelos judeus. Na primeira parte da peça é representada a vida quotidiana de uma família judaica de Lisboa.

O fidalgo e diplomata português D. Francisco Costa escreveu a peça “Auto da Ressurreição”, que foi representada em 1583, em Marraquexe, Marrocos. Na peça, pretende-se convencer o povo judaico, que recusava acreditar na ressurreição de Cristo, a converter-se à verdadeira fé, a fé cristã.

O romance histórico de Camilo Castelo Branco, intitulado “O Judeu”, reforça a imagem do judeu António José da Silva, como mártir da Inquisição, apesar de Camilo ter acrescentado alguns elementos de ficção.

A peça teatral “O Judeu”, de Bernardo Santareno, (pseudónimo de António Martinho do Rosário), tal como no romance histórico de Camilo, escrito cem anos antes, é também baseada na vida e obra de António José da Silva. Este judeu, nascido em 1705 no Rio de Janeiro, foi autor de comédias e óperas. Acabou por ser queimado em “auto de fé”, em Lisboa, no ano de 1739. A peça retrata todo o calvário passado por esta vítima da Inquisição portuguesa.

Fontes: Infopédia; Wikipédia; James Nelson Novoa, in A Imagem do Judeu no Auto da Ressurreição, no Cancioneiro de Francisco Costa. GM

“Conferência no I.E.C. da Mamarrosa sobre educação e aprendizagem”

No dia 4 de Fevereiro de 2012, pelas 16 horas, foi conferente o professor catedrático da Universidade de Coimbra, António Dias Figueiredo.

Começou por mostrar como se foi aprendendo ao longo dos séculos. A educação desde os tempos anteriores à escrita até aos das redes sociais e da globalização da comunicação, passando pelas corporações medievais, da invenção da imprensa e da revolução industrial.

Procurou ainda problematizar as virtudes e insuficiências de uns e de outros, debatendo os passos de uma síntese virtuosa que seja também inspiradora de práticas inovadoras de educação e de aprendizagem no século XXI.

Referiu as quatro eras da educação e de aprendizagem: a era da oralidade, a era da escrita, a era industrial e a era social.

A era da oralidade

Como sabemos, na era da oralidade aprendia-se pela palavra oral, quer apenas pronunciada, quer cantada. Pela experiência – vendo como se fazia. Pelos desenhos e pinturas.

Por meio dos trovadores, almocreves e outros viajantes, grandes agentes da comunicação de saberes e fazeres nos tempos medievos.

Pelos trovadores e fazedores de entremeses e manias populares.

Pela acção educativa e cultural de muitas comunidades religiosas.

Pela acção exercida nas populações pelas corporações e outras agremiações destes recuados tempos.

A era da escrita

Como o nome sugere, esta era inicia-se com o uso da escrita, embora de início se usasse apenas o latim.





As escolas conventuais, a acção de algumas paróquias.

O aparecimento da Universidade de Coimbra em 1290, no tempo de D. Dinis, e no começo com o nome de Estudos Gerais.

A importância da invenção da imprensa em 1436, por Gutenberg.

O uso do documento escrito. As crónicas dos novos cronistas.

A influência da música.

O impacto social, cultural e científico das descobertas dos portugueses.

O valor dos Cancioneiros, como colectâneas de cultura.

A explosão das artes e das letras.

A palavra como veículo privilegiado de saberes e propagação de costumes e civilizações.

O valor dos pensadores, cientistas e escritores esta época privilegiada da nossa história.

A era industrial nos séculos XVIII e XIX

Os ideais da revolução industrial abalaram e transformaram a sociedade.

A influência deste fluxo inovador de industrialização procurou transformar todas as actividades.

A escola torna-se como empresa em que o professor é o patrão do saber.

Como na fábrica, a escola procura tudo uniformizar.

Obrigatório o uso de uniforme – a bata.

Os meninos como peças de uma máquina aprendem todos o mesmo e nas mesmas condições.

O professor como detentor do saber é o dono e senhor da aula.

O menino aluno tem de obedecer.

O uso do castigo corporal como correcção e processo de aprender.

A era social

A diferenciação. O uso das novas tecnologias.

A globalização e a luta pela inovação.

O desfásamento entre o que o aluno aprende na escola e o que o mundo do trabalho tem para lhe oferecer.

Após anos e anos de estudo e investimento na sua formação académica, o jovem aspirante ao mundo do trabalho encontra-se sem respostas adequadas perdendo-se noutro mundo – o das interrogações.

Para que estudou? Que andou a fazer?

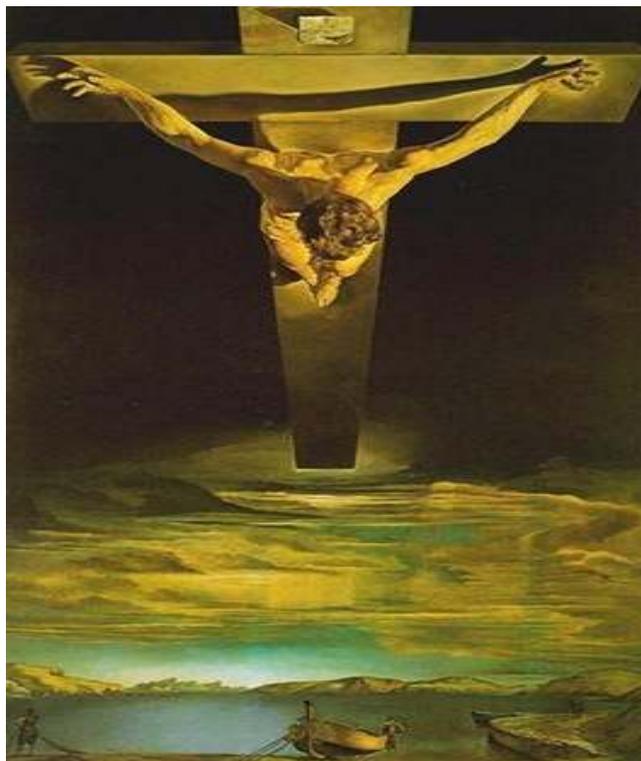
A gastar inutilmente o seu tempo e a gastar as economias dos pais?

Soluções – Como resolver este problema?

Foram apontadas várias pistas, a maior parte centrada no próprio jovem aspirante ao mundo do trabalho que, afinal, ainda não está nesta era social do século XXI.

Rosinda de Oliveira

Páscoa, Tempo de Renovação



MENSAGEM

Cumpriu-se a profecia finalmente:
Jesus morreu na Cruz p'ra nos salvar.
Quis abraçar na Cruz a toda a gente,
Quis todo o mal do mundo carregar!

Mostrou-nos outra vida bem dif'rente,
Abrindo o coração de par em par.
E a Sua Mensagem está presente:
Apenas se resume ao verbo Amar.

Jesus veio falar duma Verdade
Que nos fala de Amor, Fraternidade,
Fazer que o Bem se sobreponha ao Mal.

Olhar a cada um como um irmão
E até ao inimigo dar a mão
Num gesto de perdão universal!

Maria Celeste

O Ecos exprime votos de uma Santa Páscoa para todos os Academistas

